

Com a Palavra

Anna Berchon

Pecuária do futuro passa por aproveitar o melhor de cada raça

Cristine Pires

cristine.pires@jornaldocomercio.com.br

Uma das mais tradicionais famílias pecuaristas da Zona Sul do Estado, responsável pela Estância da Gruta, carrega 178 anos de tradição em negócios agrícolas e pecuários, incluindo a criação de animais da raça Montana e o cultivo de arroz e soja. Localizada em Capão do Leão (RS), a propriedade é um marco na história da formação do Rio Grande do Sul. Nos Campos do Pavão, a dedicação é evidente tanto na preservação cultural quanto na inovação agrícola e pecuária. A fazenda foi pioneira na criação de Devon no Brasil, em 1915, quando a família, com a ajuda do amigo Joaquim Francisco de Assis Brasil, adquiriu os primeiros animais do Uruguai. Hoje, o foco está na criação da raça Montana, conhecida por sua alta produtividade e rentabilidade. A pecuarista Anna Luiza Sampaio Quinto Di Cameli, junto com seus filhos Antonio e Catarina, gerencia a estância, ciente da importância de preparar a transição do legado familiar para as próximas gerações. Entre suas paixões está o antigo casarão, a sede da estância, onde encontra tranquilidade para planejar novos projetos.

Empresas & Negócios - Como a participação dos pecuaristas brasileiros no Congresso Mundial de Devon pode impactar a criação da raça no Brasil?

Anna Luiza Sampaio Quinto Di Cameli - A Estância da Gruta vem participando dos Congressos de Devon desde o primeiro, realizado no ano de 1980. Não participamos apenas de um, que aconteceu na Nova Zelândia, pois coincidiu com a nossa época de colheita. Todos os congressos e encontros nos fazem crescer em diversos aspectos, sobretudo na melhoria genética da criação, na melhoria da carne com a produção de animais mais robustos, adaptados e produtivos,

como é o Montana, que conta com o Devon em sua composição. Os Estados Unidos, sede deste último congresso, está completando 400 anos de criação de Devon, acumulando muita experiência que pode ser intercambiada com criadores da África do Sul, Austrália, Nova Zelândia e Inglaterra que participaram do evento. Programas de melhoramento são conversados e evoluem a partir desta ação integrada.

E&N - De que maneira a genética Devon, que tem sido um pilar na Estância da Gruta, contribui para a composição do gado Montana e qual é a importância dessa integração?

Anna Luiza - Dentre as raças britânicas que usamos para o Montana, estão Angus, Red Angus, Hereford e o Devon. São elas que compõem praticamente todos os animais Montana que nós temos na propriedade. O Devon tem como características a precocidade e o excelente rendimento de carcaça, assim como a alta fertilidade e a docilidade, além de ser uma raça que nos dá muita habilidade materna. Eu acho a vaca Devon uma excelente mãe. A importância desta integração é o aproveitamento das melhores características das raças no composto, que é um gado inovador e de origem 100% brasileira, melhor adaptado ao clima e com maior rendimento advindos da heterose. Nosso primeiro contato com a Montana foi por meio do criador Jim Leechman, que se interessou por usar a genética das nossas fêmeas Devon da Gruta. Isso aconteceu após uma viagem ao Centro Genético de Nebaska, nos Estados Unidos, de onde voltei convencida de que o cruzamento composto era a força que faltava para acelerar o processo de melhoramento de rebanhos focados em qualidade de carne.

E&N - Quais são as principais características da raça Devon que a tornam atraente para os criadores gaúchos, e quais benefícios



Pecuarista administra a Estância da Gruta junto com os filhos Antonio e Catarina, e prepara a transição

esses atributos trazem para a pecuária regional?

Anna Luiza - O Devon é um gado muito bem adaptado ao solo gaúcho, um gado rústico e que ainda agrega qualidade de carne aos rebanhos. Por ser uma raça de origem europeia, é ideal para uso tanto em áreas de clima mais ameno, como no Sul, quanto para cruzamento. As características do Devon na composição no Montana são muito apreciadas, porque agregam muito na composição do Montana, que é um caminho altamente produtivo para o pecuarista.

E&N - Como as recentes enchentes afetaram os criatórios e quais medidas estão sendo tomadas para mitigar esses impactos?

Anna Luiza - Apesar das enchentes e chuvas que atingiram o Rio Grande do Sul durante a safra de verão 2023/2024, conseguimos concluir com sucesso a colheita de arroz, encerrando a retirada dos grãos do campo no final de abril e início de maio. Conseguimos isso graças a um conjunto de boa gestão e técnicas de manejo que, integradas com a pecuária, nos fez conseguir um novo recorde na produção do grão. Conforme Antonio Quinto Di Cameli, que é meu filho e sócio-administrador da propriedade, o resultado foi de 235 sacos por hectare de arroz limpo e seco. Por conta dos desafios que enfrentamos, chegamos a estimar uma perda de até 10 sacos por hectare, mas, no final, conseguimos ter uma colheita histórica, fruto da soma de esforços entre colaboradores, consultoria e parceiros. Tivemos uma grande equipe envolvida neste pro-

cesso. Chegamos a ficar sem luz por mais de sete dias consecutivos, o que interrompeu nosso processo, inviabilizando o uso dos armazéns. Isso nos levou a direcionar quase 30% da colheita para estruturas e silos de terceiros, gerando custos de secagem e armazenagem. O mais importante neste processo foi tomar a decisão de colher e guardar o grão, para não se perder no campo. Nas cheias de maio, a Metade Sul também foi atingida. Nunca tivemos um caso de tanta umidade como temos agora. Isso prejudicou nossas pastagens e encheu algumas áreas. Nossa sorte foi ter colhido o que restava da lavoura de soja nos campos logo no início da alta das águas. Foi uma decisão acertada. Apesar de termos colhido o grão de soja úmido, isso nos garantiu salvar pelo menos parte da produção dessas áreas. As águas também levaram à morte de seis novilhos, o que não foi muito em comparação a outras propriedades.

E&N - Quais avanços tecnológicos e de melhoramento genético têm sido adotados pelos criadores no Rio Grande do Sul?

Anna Luiza - A pecuária avançou muito nos últimos anos. Melhoramos a produtividade dos nossos rebanhos, e isso refere-se à quantidade de carne produzida por hectare, assim como a qualidade. E aqui aliamos produção em maior escala com novas características altamente apreciadas pelo consumidor, como maciez e suculência. Na agricultura, os avanços são similares, com variedades mais produtivas. O avanço da soja na

Metade Sul do Rio Grande do Sul também nos trouxeram ganhos substanciais. Ao longo das últimas décadas, fizemos tudo isso com muito respeito aos campos, mantendo áreas de preservação, garantindo a elevação da qualidade dos solos e da água.

E&N - Quais são as perspectivas futuras para a pecuária no Brasil, considerando o cenário atual de mudanças climáticas e crises ambientais?

Anna Luiza - O agronegócio é a mola da economia brasileira. Acredito no potencial do campo em propagar renda e movimentar a economia do Rio Grande do Sul e do Brasil. Todos perdemos e estamos muito impactados com o que temos vivido nas últimas semanas. Mas isso também nos traz força para a reconstrução. Vimos correntes incansáveis de apoio aos desabrigados e movimentos de doação que mostram a união de nosso povo. E isso é mais importante do que as perdas econômicas em um primeiro momento. É claro que não podemos descuidar da produção, porque é ela que nos ajudará a reerguer o Estado e as famílias que estão em extrema dificuldade. Para o futuro, a pecuária e a agricultura precisarão ser cada vez mais responsáveis. Seguiremos trabalhando para garantir segurança alimentar ao povo brasileiro, mas faremos isso com o menor impacto possível. Vivemos do campo e sabemos seu valor. Vivemos no campo e do campo. As mudanças climáticas preocupam a todos. Mas é preciso também que todos façam a sua parte.